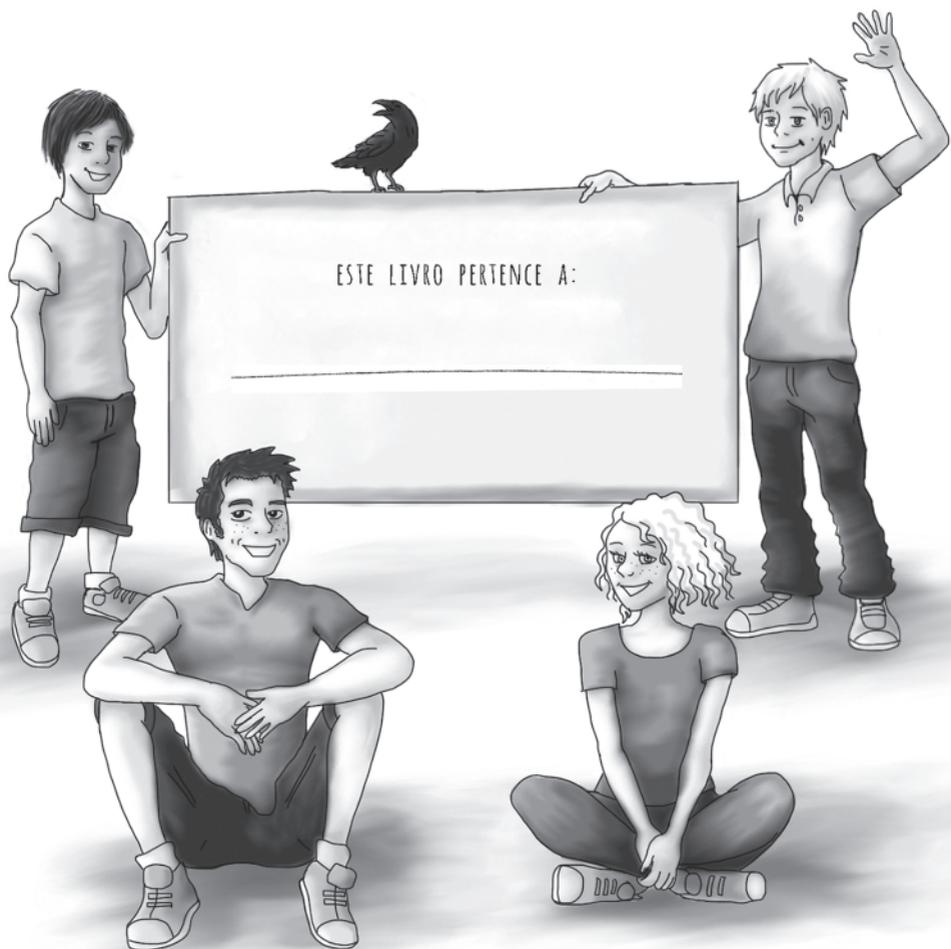


OS   
AVENTUREIROS

NO MONTE DOS CONTRABANDISTAS

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA  
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: EDUARDO OLIVEIRA



ESTE LIVRO PERTENCE A:

## OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 4º, 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: [www.isabelricardo.pt](http://www.isabelricardo.pt) e visita a página de Facebook:

[www.facebook.com/SerieOsAventureiros](https://www.facebook.com/SerieOsAventureiros)

E-mail para leitores: [aventureiros@isabelricardo.pt](mailto:aventureiros@isabelricardo.pt)

E-mail para professores: [encontroscomaautora@isabelricardo.pt](mailto:encontroscomaautora@isabelricardo.pt)





## PREFÁCIO

**O**lá, malta!  
Aqui está mais um livro da coleção de que vocês tanto gostam, o 13.º volume. Embora pertença a uma série, tem um sentido completo em si. Continua-se nele as aventuras de Tó Jú, Bia, Cris, Daniel e, claro, o *João*, que é um corvo que fala.

Dou as boas-vindas ao Eduardo Oliveira, que a partir deste livro dá vida às ilustrações dos AVENTUREIROS.

Desta vez, os vossos amigos AVENTUREIROS irão envolver-se com uma quadrilha perigosa que faz tráfico de animais e isso, infelizmente, é algo que acontece.

Hesitei quanto ao sítio onde colocar o quartel-general da quadrilha, mas acabei por optar pelo Alentejo ao passar na estrada, quando ia em direção a Avis, e avistar, no meio de uma planície isolada, um enorme edifício que se enquadrava perfeitamente no que eu estava a imaginar.

Este livro tem uma história engraçada porque foi iniciado e escritos os primeiros capítulos em Évora, depois a maior parte em Belmonte, as partes finais na Nazaré e a revisão em Penacova e Paço de Arcos. Por isso preciso de agradecer à Câmara Municipal e à Santa Casa da Misericórdia de Belmonte pelas condições excelentes que me disponibilizaram para criar este livro. E, claro, ao meu amigo e colega João Morgado, que, gentilmente, me fez o convite.

Também quero agradecer ao Dr. João Salgado pela gentileza com que me acolheu, à Daniela Silva pela simpatia em todas as visitas guiadas e ao André Rodrigues pelas informações sobre as águias. Foram todos extraordinários.

*Os Aventureiros no Monte dos Contrabandistas* tem muitas situações emocionantes, ação, *suspense* e cenas engraçadas. Divirtam-se a valer com esta nova aventura!  
Um grande abraço da vossa amiga

Isabel Ricardo

Ao Centro Escolar Comendador Rui Nabeiro, Campo Maior, e à Escola Básica da Glória, Estremoz, o meu carinho especial pela alegria com que me receberam.

À E.B.1 de Raposos, E.B.1 de Farnalício e E.B.1 de Quinta Nova, Nazaré. E.B.1 de Monte Real e E.B.2,3 Rainha Santa Isabel, Leiria. À E.B.1 de Vila do Bispo, Centro Educativo de Budens, Escola Livre e E.B.1 N.º 2 de Sagres. E.B.1/J.I. Padre José Manuel Rocha e Melo, Lisboa. E.B.1 José Garcês, E.B.1 Moinhos da Funcheira e E.B.1 Brito Pais, Amadora.

Aos Centros Escolares de Riachos e da Meia Via, Torres Novas, Escolas Básicas da Zona Verde, António Gedeão e do Bonito, Entroncamento, E.B. do Castelo, Sesimbra, E.B.2,3 Dr. Ruy Andrade, Entroncamento, e E.B. Dr. Manuel de Oliveira Perpétua, Porto de Mós.

Aos Agrupamentos de Escolas de Avis, Nisa, e Fernão do Pó, Bombarral. Escola Básica e Secundária de Vialonga e às Escolas Secundárias de Mira de Aire e de Sampaio.

O meu agradecimento às Bibliotecas Municipais de Arruda dos Vinhos, Almeirim, Avis, Vila Nova de Cerveira, Vila do Bispo, Alcoaça, e também às Bibliotecas de Lisboa: Penha de França, Belém, Maria Keil, Orlando Ribeiro, Telheiras, Olivais, David Mourão-Ferreira e Camões.





## CAPÍTULO I

*Um passeio por Évora...*

«**A**i, mãeeee...! Olivença é nossa!», palrou *João*, empo-leirado no ombro de *Bia*, enquanto abanava a cabeça para um lado e para o outro, arrancando um sorriso à rapariga, que lhe fez uma festa na cabeça, divertida.

*João* era um corvo muito traquina que adorava imitar tudo e todos, tendo uma habilidade especial para deixar toda a gente assarapantada com os disparates que palrava; as suas penas muito negras e brilhantes, com o reflexo da luz do Sol, chegavam a parecer azuis. Era doidinho pela sua adorada dona que lhe aturava as maiores parvoíces.

— Esse maluco ainda parece que está ligado à corrente. Tens a certeza de que não lhe deste nenhum grão de café, *Daniel*? — perguntou *Tó Jú*, um rapaz alto e forte, de cabelos e olhos castanhos-escuros, sempre bem-disposto, olhando um bocadinho desconfiado para o elemento mais novo do grupo.

*Daniel* soltou uma gargalhada, não se sabe se pelo comentário do irmão, ou se pelo que o irrequieto corvo estava a fazer naquele momento, movendo o corpo ao som de uma música imaginária e provocando o riso às pessoas com quem se cruzavam na rua.

— Juro que não lhe dei nada, mas não posso prometer que ele não tenha engolido algum grão no Centro de Ciência do Café<sup>1</sup>... — disse ele, com um sorriso traquina, enquanto passava a mão pelos cabelos escuros, tal como os do irmão.

Na noite anterior, os quatro jovens e o corvo tinham

---

<sup>1</sup> N.º 12 da coleção: *Os Aventureiros e o Segredo do Ouro Negro*. (Nota da Autora)

vivido uma aventura de arrepiar os cabelos no extraordinário Centro de Ciência do Café, em Campo Maior. Daniel e Bia haviam conseguido capturar um dos malfeitores com que se tinham lá deparado, preparando-lhe uma armadilha com grãos de café e originando uns momentos hilariantes.

«Olha que tu levas!...»

— É o mais certo, Tó Jú — concordou Cris, com um ar conformado. Contava catorze anos, pele clara, olhos azuis e cabelos louros. — Provavelmente, ainda engoliu mais algum enquanto nos despedíamos do pessoal do CCC.

«Vai-te encher de moscas, Cris! Disparates! Xô, melgas! Xô!», fez *João*, fitando o rapaz com a cabeça de lado e fazendo-o emudecer. Este constantemente se admirava com a capacidade que o corvo da irmã possuía para repetir as frases certas no momento certo. Sabia que era só por coincidência, opinião não partilhada pelos dois mais novos, mas estranhava sempre.

Os outros não puderam deixar de sorrir, principalmente pela expressão de Cris. O corvo soltou umas risadinhas trocistas que ouvira a alguém, sem desviar os olhitos espertos do rapaz.

«*Calmate, muchacha guapa! Calmate!*»

— Maluco! — disse Bia, num tom carinhoso, afagando a cabeça do corvo. De treze anos, com uns belos olhos verdes-claros, cabelos castanhos-dourados, ondulados e curtos, e umas engraçadas sardas no nariz arrebitado, Bia era bastante bonita.

A senhora que os acompanhava sorriu também, bem-disposta. Ao lado daquele grupo, ninguém podia ficar de mau humor.

— Estamos na famosa Praça do Giraldo<sup>2</sup>, onde *giralmente* toda a gente gosta de passear... — anunciou a madrinha,

---

<sup>2</sup> Considerada como Monumento Nacional, em 1910. (N. da A.)

com um sorriso e pronunciando propositadamente mal a palavra *geralmente*. — É uma brincadeira, algo que os habitantes de Évora costumam dizer às pessoas que a visitam pela primeira vez. Giraldo, *giralmente*...

Os primos riram-se, achando piada ao trocadilho.

— Também costuma dizer-se que todos os caminhos vão dar à Praça do Giraldo e, ao que parece, isso acontece desde que foi construída, em 1571/73. Sabem porque é que se chama assim, não é?

Os jovens acenaram negativamente com a cabeça, enquanto olhavam em redor, deleitados com o espaço agradável da bela praça: o chão de calçada portuguesa, as esplanadas no centro convidando ao descanso e a uma bebida bem fresquinha, a magnífica fonte que dominava a praça e as bonitas fachadas de antigos edifícios. Num dos lados da praça ficava a igreja, do lado da fonte; no lado oposto, um bonito edifício onde estava instalada uma agência do Banco de Portugal; em frente os edifícios já referidos e por trás deles, a todo o comprimento, havia belas arcadas por baixo dos prédios, numa longa extensão.

— É uma homenagem a Geraldo Geraldês, o *Sem Pavor*, que foi chefe de um grupo de salteadores — informou a madrinha, sorrindo ao ver a expressão de entusiasmo dos mais novos ao escutarem aquele nome invulgar. — Geraldo Geraldês era muito corajoso e destemido e conquistou Évora aos mouros, em 1167. D. Afonso Henriques, como recompensa, nomeou-o alcaide da cidade e fronteiro-mor do Alentejo. Aliás, ouvi dizer que Geraldo Geraldês aparece no brasão da cidade, a cavalo e de espada em punho. Aos seus pés estão as cabeças do mouro e da sua filha que residiam no castelo que ele atacou e conquistou.

— Safa!

— Um bocado sanguinário, não é? Podia ficar só de

espada em punho. Não precisavam de pôr lá as cabeças... — comentou Bia, com um arrepio.

— Baril! — exclamou Daniel, com um risinho, ignorando o ar de censura da prima.

— Mas então porque é que no meio da Praça do Giraldo não está uma estátua do Geraldo Geraldês, em homenagem ao feito da conquista da cidade? — inquiriu Cris, admirado. — Nada mais justo!

— Deveras. Concordo contigo. Deve haver alguma em qualquer lado, mas mesmo dentro da cidade, não, acho eu — comentou a madrinha.

— Em contrapartida, está lá uma fonte. É bastante bonita, mas se calhar tinha mais jeito ter lá o *Sem Pavor*, já que a praça tem o nome dele... — observou Tó Jú, olhando com estranheza para a coroa que encimava a fonte de mármore. Era a primeira vez que via algo assim.

A madrinha sorriu, concordando.

— Pelo que li algures, cada uma das oito bicas da fonte está associada às ruas principais da Praça do Giraldo. Conta-se que o rei Filipe III de Espanha, em 1619, achou que a fonte era tão bonita que merecia ter uma coroa.

Os primos olhavam em volta, cativados com o que viam. Évora parecia-lhes uma cidade linda, repleta de História.

Sentaram-se na esplanada, regalando-se a bebericar sumos bem fresquinhos, protegidos pelos grandes chapéus-de-sol brancos, enquanto iam apreciando tudo em seu redor. Estava imenso calor, mas o ambiente era extremamente agradável, calmo e relaxante.

— Reparem nos candeeiros! — notou Tó Jú, com um sorriso. — No topo têm o brasão da cidade e lá está o Geraldo Geraldês, o *Sem Pavor*, de espada em punho e a cavalo!

— Espetacular! São mesmo bonitos! — exclamou Bia, encantada.

«*Calmate, muchacha guapa! Ai, mãeeee...!*»

— Só não consigo ver se lá estão as cabeças do mouro e da filha! — comentou Daniel, um pouco desapontado, enquanto semicerrava os olhos. Deu uma cotovelada ao primo que se encontrava sentado ao seu lado. — Cris, tira uma foto, anda!

«Ora vejam só!... Não há explicação! *Ay, madre mia!*»

Vendo-se vergonhosamente ignorado, *João* voou até à bela fonte e poisou no alto da coroa, todo vaidoso. Os pombos, que por lá se refrescavam, primeiro estranharam a companhia, mas depois ignoraram-no também, o que era um desprazo para *João*. Não resistiu a brindá-los com a imitação do rugir de um leão, que ouvira um dia quando acompanhara Bia e Cris ao Jardim Zoológico de Lisboa, pregando um susto de morte aos pombos que levantaram voo, apavorados, e se afastaram atabalhoadamente.

*João*, parecendo todo contente consigo próprio, afastou-se da coroa e depois foi banhar-se na fonte.

— Olhem só para aquele sacripanta! Afugentou os pombos todos e agora está a tomar banho na água da fonte!... — escandalizou-se Cris, provocando o riso dos outros e acabando por fazer coro com eles. — Vejam só o espalhafato que está a fazer, a atirar água em todas as direções e a salpicar as pessoas todas que já se estão a afastar da fonte...

— Deve ter querido açambarcar a água da fonte só p'ra ele! — gracejou Daniel, com um risinho divertido, vendo a prima rir à socapa também.

— Debaixo daquelas arcadas há a livraria mais antiga de Évora e com um nome muito especial... — informou a madrinha, apontando para lá com a mão, depois de engolir o último trago de sumo de laranja e pagar a conta ao empregado. — Querem tentar adivinhar qual é? Garanto que é surpreendente!

Os jovens entreolharam-se, surpreendidos.

— Sem Pavor! — sugeriu logo Daniel, com um sorriso que lhe ia de orelha a orelha.

— Geraldo Geraldês!

— Giraldo!

Cris sorriu, mas não tentou adivinhar. Sentia-se mole, não só pela falta de descanso, como também pelo calor. Ainda não tinham dormido nada, mas não queriam regressar a Lisboa sem terem visto aquela cidade.

— Por baixo das arcadas também há um café conhecido por ter alguns dos melhores bolos de Évora, o Café Arcada. Aliás, disseram-me que esse café e a livraria de que vos falei são dois pontos importantes a visitar na Praça do Giraldo.

— Mas então como é que se chama a tal livraria, madrinha? Já estou a morrer de curiosidade! — inquiriu Bia, remexendo-se na cadeira.

— Já vão ver!

Levantaram-se e começaram a caminhar em direção às bonitas arcadas e que pareciam nunca mais acabar, ultrapassando até a bonita praça durante uma distância considerável. Muita gente lá passeava, protegendo-se do sol e aproveitando a sombra refrescante.

«Mas que raio de lugar é este?! Que raio de lugar é este?! Ai, mãeee!...», imitou *João*, no ombro de Bia.

— Tonto!

Passearam por baixo das arcadas, cativados com a sua arquitetura, desviando de vez em quando os olhos para as montras das mais variadas lojas.

— Olhem só para estes instrumentos de música em miniatura! São mesmo fenomenais! — comentou Cris, observando os objetos da montra de uma papelaria, entusiasmado. — Guitarras, violas, violinos e até um piano...

Os outros debruçaram-se, empolgados também.

«Disparates! *Mamma mia!*», fez *João*, bicando o vidro da montra e sobressaltando *Bia* que logo o afastou, para grande indignação do corvo que estava completamente maluco com tantos objetos brilhantes que se encontravam por detrás do vidro.

Afastaram-se apressadamente. A senhora parou diante de uma livraria de dimensões bem razoáveis.

— Livraria Nazareth!!! — exclamaram os jovens ao mesmo tempo, espantados e encantados.

— Interessante, não é?

— Se é, *Binha*<sup>3</sup>! Jamais imaginei que houvesse uma livraria com o nome da Nazaré na cidade de Évora!

Tó Jú e Daniel, tal como a madrinha, viviam na Nazaré. *Bia* e *Cris*, apesar de os pais serem também da Nazaré, haviam vivido sempre em Lisboa. Fora na Nazaré que os quatro primos se tinham conhecido, vivendo uma emocionante e misteriosa aventura, que metera grutas, esqueletos, um submarino, lingotes de ouro e uns patifes decididos a tudo para deitarem a mão a um objeto na posse da madrinha<sup>4</sup>. Depois daquela primeira aventura, muitas outras se tinham seguido. Assim que os cinco — pois eles consideravam o traquina corvo como um elemento valioso do grupo e que já os ajudara variadas vezes em situações difíceis e complicadas — se juntavam, mistérios e aventuras, inesperadamente, acabavam por lhes cair em cima.

— Espetacular!

— Que máximo!

— E é enorme!

— Impressionante! Nunca adivinharíamos!

«Disparates! Ó meu, tu ‘tás cada vez pior!»

---

<sup>3</sup> A madrinha de *Bia* e Daniel é tratada por *Binha* e *Babinha*, por Tó Jú e *Cris*, respetivamente. (N. da A.)

<sup>4</sup> N.º 1 da coleção: *Os Aventureiros na Gruta do Tesouro*. (N. da A.)

Todos desataram a rir. Como sempre, *João* acertara em cheio.



— Tal como vos havia prometido, e apesar de não nos ca-lhar em caminho, não regressámos a Lisboa sem ver Évora. Tinha de me redimir do meu percalço... — comentou a ma-drinha, com uma careta cómica.

Na viagem para Campo Maior, dois dias antes, a madri-nha e tia dos quatro jovens pretendera mostrar-lhes Évora, mas distraíra-se e enganara-se no caminho, acabando por chegar à simpática capital do café muito tarde e sem possi-bilidades de terem visitado a cidade histórica que Cris tanto desejava conhecer.

«Ó meu, tu 'tás cada vez pior! Não há explicação!»

— Valeu a pena perdermos algum tempo da viagem, não concordam? Já visitaram o Templo Romano, conheceram a bela Cathedral, a *Capela dos Ossos*, tão famosa e a maior de Portugal, andámos pela famosa Praça do Giraldo e agora sabe bem descansar neste bonito jardim, não é?

— Realmente, Évora é linda, madrinha! Só é pena es-tar tanto calor! — exclamou Bia, encalorada. Disfarçou um bocejo, colocando a mão à frente da boca. Sentia-se muito ensonada, mas como os outros não se queixavam, não seria ela a primeira a fazê-lo. Valera a pena a noite em claro só para viverem aqueles momentos empolgantes no Centro de Ciência do Café.

— Pois... Évora é muito quente. Imaginem em julho ou agosto. É um calor que nem calculam!

— Tenho pena de não termos podido também visitar Elvas, pois só vimos de passagem. Pareceu-me fantástica! — comentou Tó Jú, com sinceridade.



A madrinha fez um aceno afirmativo com a cabeça.

— Também gostava, porém, Elvas não pode ser visitada só numas horas, porque tem demasiadas coisas bonitas para conhecermos, por isso é que optei por nos desviarmos um bocado do nosso caminho e virmos visitar Évora. Quem sabe noutra altura... Até em Évora haveria muito mais coisas para conhecermos, mas teria de ser com mais tempo.

— ... e com menos calor! — acrescentou Cris, disfarçando um bocejo e contagiando os outros que desataram a fazer o mesmo, provocando o riso da madrinha.

*João* imitou na perfeição o bocejo de Cris, recebendo um olhar descontente dele, mas depois levantou voo do ombro de Bia. Foi poisar em cima do ombro da estátua de Vasco da Gama que se encontrava nas proximidades e cumprimentou-a solenemente com o seu habitual «Oo-láá!», erguendo a cabeça com o «Oo» e baixando-a com o «láá!»

Impertinentemente, a estátua não lhe respondeu, o que o pareceu melindrar, pois pouco depois já estava a descompô-la com um «Ai, o grande patife! *Imbecille! Ay, madre mia! Vai-te encher de moscas!*» e «*Hola, muchacha guapa!*».

Os turistas portugueses riam-se a valer. Os estrangeiros ficavam a olhar pasmados para ele, lamentando não perceber o que dizia, mas extremamente curiosos, calculando que devia ser bem divertido ao verem os sorrisos e as gargalhadas dos outros.

— Reparem só na quantidade de gente que está de volta daquele sacripanta! — observou Cris, desagradado.

— *João, vem cá!*

«*Ay, madre mia! Imbecille!*»

— Ó Cris, mas quem é que tem um animal que até fala línguas assim? — inquiriu Tó Jú, com uma risada.

O primo teve de concordar com ele e largou uma gargalhada, prontamente copiada pelo corvo.

*João* conseguia imitar sons e vozes com a maior facilidade e perfeição, causando sempre surpresa e admiração a quem o ouvia, e nas férias do verão, tendo o grupo a maravilhosa oportunidade de fazer um cruzeiro no Mediterrâneo, *João* divertira-se a valer aprendendo imensas frases noutras línguas.



— Meu rapaz, estão todos a dormir. Acho que nem vale a pena acordá-los. Tinha pensado pararmos um pouco em Montemor-o-Novo para vermos o castelo e esticarmos as pernas, mas não tenho coragem de os despertar — disse a madrinha, olhando através do espelho retrovisor para três dos sobrinhos que dormiam profundamente: Bia, com a cabeça encostada ao vidro, Daniel no meio, com a cabeça

descaída para trás, ressonando levemente, e Cris encostado ao vidro oposto. À frente e ao seu lado, Tó Jú também dormia a sono solto, com a cabeça levemente descaída para o lado direito. — Coitados! Não dormiram a noite toda.

«Disparates! Olha que tu levas!... *Ay, madre mia!*», fez *João*, fitando-a com a cabeça de lado, enquanto puxava uma madeixa do cabelo da dona. Aborrecido por ela não ter acordado com o puxão de cabelos, acabou por desistir e saltitou do ombro de Bia para as suas pernas.

— Nada de seres velhaco e lhes pregares partidas, meu maroto! — admoestou ela, vendo o corvo a olhar para Cris que estava a dormir com a boca entreaberta. — *João!* Ai, ai, ai!

*João*, como se tivesse percebido, voltou a subir pelo corpo de Bia e poisou na plataforma por cima das cabeças deles, andando para um lado e para o outro, enquanto repetia vezes sem conta: «Pobre *João!* Coitado! Maroto! Olivença é nossa! Ai, mãeee!...», arrancando uma gargalhada da senhora.

— O que para aí vai!... Ora bem, agora tenho de estar concentrada para não me distrair e em vez de regressar a Lisboa, ir parar ao Algarve... — disse, com uma risadinha, prontamente imitada pelo corvo.

«Ai, mãeee!...»



— Acordem, dorminhocos! Já chegámos!

«Acordem, dorminhocos! Já chegámos! Sim, senhor! Palmas! Patifes! Mariola! *Ganda* safado!»

— Também não é caso para tanto, seu tonto!

«É HOJE, MALTA! LEVANTEM-SE, PREGUIÇOSOS!»<sup>5</sup>

A madrinha soltou uma gargalhada estrondosa e eles

---

<sup>5</sup> Frase aprendida por *João* em *Os Aventureiros na Cidade Flutuante*, quando Miguel os acordou para irem para o aeroporto. (N. da A.)

acordaram assarapantados, não só pela sua gargalhada, mas também pelo corvo que imitara na perfeição a voz do pai de Bia e Cris. Este deu uma cabeçada no vidro da janela com grande estardalhaço, ficando meio azamboado da pancada e das gargalhadas estridentes de *João*.

— Cala-te, destrambelhado! Isso são maneiras de acordar as pessoas? — resmungou Cris, esfregando a cabeça.

Recebeu como resposta umas risadinhas do corvo.

— Já chegámos, madrinha? Viemos sempre a dormir? — espantou-se Bia, ficando quase embaraçada.

Tó Jú sorriu.

— Que vergonha! Adormecermos no carro durante toda a viagem como se fôssemos velhotes!...

A madrinha voltou a rir-se, divertida.

— Pudera!... Passaram a noite toda acordados e a dar tarefa em três patifes. O que é que queriam? Nem tive coragem de vos acordar para visitarmos o castelo de Montemor-o-Novo.

Bia e Daniel trocaram um olhar desolado, soltando um “Oh!” de profundo desapontamento. Ambos adoravam castelos.

— Haverá outras oportunidades, não se preocupem! Agora saltem lá p’ra fora e vamos entrar em casa. Estou desejosa de beber algo bem fresquinho e esticar as pernas!

«Ó meu, tu ‘tás cada vez pior! Ai, mãeee!...»